

A variante de prestígio em inglês é a pronúncia do *r* retroflexo, como *car*, *fourth*, ou *floor*, sendo a pronúncia zero a variante desprestigiada. Os dados foram obtidos perguntando-se aos empregados da loja: “que andar é este?”, ou ainda “onde fica a seção X?”, sempre procurando-se obter a resposta *fourth floor* (“quarto andar”), em estilos casual e enfático.

Os empregados das três lojas podem ser considerados como pertencentes à mesma classe social, já que o nível e a remuneração dos empregados deste tipo de magazine é pressupostamente equivalente, segundo o catálogo de ocupações em Nova York. No entanto, eles usam a pronúncia de maior prestígio, com a preservação do *r* retroflexo nas lojas de nível mais alto, ou seja, nos contextos de maior prestígio:

Pronúncia do *r* retroflexo – diferenças entre as lojas:

Sacks: 62%  
Macy's: 51%  
S. Klein: 20%

Numa mesma loja, como a Sacks, por sua vez, foram observadas as pronúncias do *r* nos andares superiores, mais formais, espaçosos, onde se exibe a moda de alta costura, e no andar térreo, onde as vendedoras se inclinam sobre os balcões em espaços apertados, com grande número de mercadorias expostas, obteve-se o seguinte quadro:

presença do <i>r</i>	térreo	andares altos
todos os <i>r</i>	23%	34%
alguns <i>r</i>	23%	40%
nenhum <i>r</i>	54%	26%

Estes resultados confirmam, pois, a interpretação de que diferenças de contextos formal e informal levariam os falantes a empregar, respectivamente, estilos também formais ou informais.

Nesse mesmo trabalho, Labov apresenta com maior detalhe como os graus de formalidade afetam a variação fonológica de uma série de pronúncias no inglês. Cinco tipos de contextos foram examinados: a entrevista com o informante, a leitura de texto, a leitura de palavras, a leitura de pares mínimos e os trechos de conversa informal fora da entrevista. Quanto mais casual o contexto, mais a pronúncia se afastava das variantes de prestígio. Em situações de formalidade, como em leitura de palavras de textos, foram usadas as variantes mais cuidadas, e maior prestígio.

Obter dados da linguagem do dia a dia através de entrevistas não é tarefa fácil devido ao chamado “paradoxo do observador”: o linguista precisa descrever a linguagem em seu contexto natural de uso e depara-se com a contradição de

que, ao fazê-lo, cria uma situação em que os falantes se sentem observados, por anotações em entrevistas, em gravações, videoteipes e outros meios, deixando de apresentar um comportamento totalmente natural. Labov sugere que se leve o falante a discorrer sobre situações de perigo que vivenciou, pois é quando se obtém um estilo menos policiado ou autoconsciente, já que a sua atenção estará voltada mais para o assunto palpitante do que para a própria linguagem.

Em português, o primeiro estudo da influência do grau de formalidade do contexto no uso da língua foi o trabalho sobre a variação na concordância verbal (Naro & Lemle, 1977), (ex.: *eles bebem x ele bebe*). As amostras utilizadas foram entrevistas com alunos de cursos de alfabetização Mobral no Rio de Janeiro, realizadas na casa do informante, em seu local de trabalho e na casa dos entrevistados. Esses ambientes foram classificados quanto ao discurso, quanto ao contexto e quanto à situação, tendo-se obtido diferenças que mostram que, quando em locais mais descontraídos, os mobralenses empregam mesmo a marca de terceira pessoa do plural nos verbos.

Presença da marca de concordância verbal de plural:

discurso formal	54/117 = 46%	.56
discurso informal	14/43 = 32,6%	.45
discurso não familiar	18/92 = 19,6%	.66
contexto familiar	12/76 = 15,8%	.46
contexto muito formal	5/72 = 6,9%	.70
situação menos formal	14/103 = 13,2%	.59
gravação secreta	1/36 = 2,8%	.16

Sobre a mesma amostra Mobral, Scherre (1978) estudou a concordância nominal, tendo comparado as entrevistas em que os falantes tinham conhecimento da gravação (situação tensa) com aquelas quando não sabiam que estavam sendo gravados (situação distensa):

- aqueles lençóis x aqueles lençol
- os caminhões passam x os caminhão passa

A presença da marca de plural em sintagmas nominais como em (a) ou (b) foi mais frequente em situação tensa do que em situação distensa. Os dados foram comparados com uma subamostra de falantes de classe média no Rio de Janeiro:

	Uso da marca de plural	
	Situação tensa	Situação distensa
Classe média	85,86% .64	71,35% .38
Classe baixa	47,37% .59	38,59% .41